

LUKE JENNINGS

**NÃO EXISTE
AMANHÃ**

TRADUÇÃO
Leonardo Alves



Sumário

1

2

3

4

5

6

7

8

Agradecimentos

Sobre o autor

Créditos

Para N , B , R e L , como sempre

Pedalando por Muswell Hill em uma bicicleta de fibra de carbono e segurando tranquilamente o guidão de metal, Dennis Cradle sente um cansaço agradável. Do escritório até a casa no norte de Londres é uma viagem meio longa, mas ele fez em um tempo bom. Dennis pensaria muito bem antes de confessar para colegas e familiares, mas ele se considera defensor de certos valores. A travessia penosa pela cidade satisfaz seu lado espartano. Andar de bicicleta o deixa firme e forte, e, a propósito, ele fica bastante *sportif* com o short colante de lycra e a regata de tecido leve, considerando que no próximo aniversário vai fazer quarenta e oito anos.

Como diretor da Divisão D4 do MI5, responsável por antiespionagem contra a Rússia e a China, Dennis alcançou um patamar que lhe permite, se quiser, voltar para casa em um dos sedãs discretos da frota do Serviço Secreto com direito a motorista. É tentador, claro, em termos de status, mas é um risco. Se deixar a vida *fitness* de lado, já era. Quando se der conta, vai ser um daqueles coroa barrigudos que frequentam o bar de Thames House, bebendo uísque e reclamando que a vida era muito melhor antes da invasão daquela mulherada sem graça no RH.

A bicicleta ajuda Dennis a se manter em dia. A manter o pé no chão e o sangue correndo nas veias. E ele precisa disso mesmo, considerando a libido feroz de Gabi. Céus, como ele queria chegar

em casa e ser recebido por ela, em vez de Penny, com as críticas constantes e aquele corpo sugado pelas dietas.

Como se tivesse sido programado de propósito, o sistema Bluetooth de seu capacete começa a tocar “Eye of the Tiger”, da trilha sonora de *Rocky III*, nos últimos cem metros do trajeto. Conforme os acordes conhecidos chegam com tudo, seu coração bate mais forte. Em sua imaginação, Gabi está esperando na cama *king-size* do camarote principal de um superiate. Ela está nua, exceto por um par de meias brancas fofas, e suas pernas torneadas estão entreabertas, convidativas.

De repente, sem entender nada, ele sente uma mão agarrar seu braço com força e o obrigar a parar, derrapando com a bicicleta. Dennis abre a boca para falar, mas é calado por um soco rápido e cruel na barriga.

— Foi mal, companheiro. Preciso da sua atenção.

O captor de Dennis tem uns quarenta anos, aparência de um rato bem arrumado, e fede a fumaça velha de cigarro. Com a outra mão, o sujeito tira o capacete de Dennis e joga em cima da bicicleta caída. Dennis se contorce, mas a mão no braço não cede.

— Dá para ficar quieto? Não quero machucar você.

Dennis grunhe.

— Mas que *porra*...?

— Vim em nome de um amigo, companheiro, que precisa conversar com você. Sobre Babydoll.

O que ainda restava de cor no rosto de Dennis desaparece. Ele arregala os olhos, em choque.

— Pegue a bicicleta. Ponha na parte de trás do veículo. Depois, sente-se no banco do carona. Agora.

Ele solta Dennis, que olha à volta com uma expressão perdida, reparando na Ford Transit velha e branca e no jovem com aspecto

doentio e piercing labial que está atrás do volante.

Com as mãos trêmulas, Dennis abre a porta traseira da van e desliga o aparelho de Bluetooth do capacete, que agora está tocando “Slide It In”, do Whitesnake. Ele apoia o capacete no guidão e guarda a bicicleta no carro.

— Celular — diz Cara de Rato, acompanhando a ordem com um tapa doloroso que deixa o ouvido de Dennis zumbindo. Abalado, Dennis entrega o aparelho. — Certo, para o banco do carona.

Enquanto a van entra no trânsito, Dennis tenta se lembrar dos protocolos do Serviço em caso de captura e interrogatório. Mas e se esse pessoal *for* da porcaria do Serviço, parte de alguma equipe interna de investigação? Teriam que ter pedido autorização ao DG para ir atrás de alguém do nível dele. Então quem pode ser, *cacete*? Será que eram inimigos? SVR, talvez, ou a CIA? É só não falar nada. Um passo de cada vez. *Não fale nada.*

A Transit vai costurando pelas ruas no horário do rush, e o trajeto leva menos de dez minutos. Eles atravessam a North Circular Road e entram no estacionamento de um supermercado Tesco. O motorista escolhe uma vaga na parte mais distante da entrada da loja, estaciona silenciosamente e desliga o motor.

Com o rosto da cor de massa de pão crua, Dennis continua sentado e olha pelo para-brisa para a grade do estacionamento.

— E agora? — pergunta ele.

— Agora a gente espera — diz a voz de Cara de Rato, atrás dele.

Passam-se alguns minutos, e então um celular começa a tocar. O toque é, por mais bizarro que pareça, uma risada de pato.

— Para você, companheiro.

Do banco traseiro, Cara de Rato lhe entrega um celular vagabundo de plástico.

— Dennis Cradle? — A voz é baixa, com um som metálico eletrônico. Instintivamente, ele repara que é um modificador de voz.

— Quem é?

— Você não precisa saber. O que você precisa saber é o que nós sabemos. E que tal começarmos pelo principal? Você aceitou quase quinze milhões de libras para trair o Serviço, e enfiou tudo em uma conta nas Ilhas Virgens Britânicas. Tem algo a declarar a respeito?

O mundo de Cradle se encolhe até ocupar só o para-brisa à sua frente. Seu coração parece ter sido enfiado em um balde de gelo. Ele não consegue pensar, muito menos falar.

— Imaginei que não. Vamos continuar. Sabemos que, este ano, você adquiriu um apartamento de três quartos em um edifício chamado Les Asphodèles, em Cap d'Antibes, na Riviera Francesa, e que no mês passado comprou um iate a motor de quarenta e dois pés chamado *Babydoll*, que se encontra atracado na marina Port Vauban. Também sabemos de sua relação com a srta. Gabriela Vukovic, vinte e oito anos, funcionária da academia e spa do Hotel Du Littoral.

“No momento, nem o MI5 nem sua família sabem disso. E tampouco a Polícia Metropolitana ou a Receita. Se a situação vai continuar como está, depende de você. Se quiser que não falemos nada, se quiser preservar sua liberdade, seu emprego e sua reputação, você precisa nos contar tudo, tudo *mesmo*, sobre a organização que lhe vem dando dinheiro. Se nos enganar, se tentar esconder algum ínfimo detalhe, vai passar os próximos vinte e cinco anos em uma cela na Prisão Belmarsh. A menos que você morra antes, claro. Então, o que acha?”

Um ligeiro burburinho de trânsito. Ao longe, o som de uma sirene de ambulância.

— Não me importa quem você é, pode ir à merda — diz Dennis, com a voz baixa e instável. — Agressão e sequestro são crimes. Você pode falar o que quiser para quem quiser. Estou cagando.

— O problema é esse, Dennis — responde a voz metálica. — Ou melhor, o problema é *seu*. Se enviarmos uma denúncia para a Thames House, e se acontecer uma investigação, condenação e coisa e tal, vão presumir que você falou conosco, e as pessoas que lhe estão pagando esse dinheiro todo, e quinze milhões é *muito* dinheiro, serão obrigadas a fazer de você um exemplo. Vão dar um jeito em você, Dennis, e vai ser desagradável. Você sabe como eles são. Então, na verdade, você não tem escolha. Ninguém está blefando.

— Você não faz a menor ideia do que está falando, não é? Posso ter omitido certas coisas da minha esposa e dos meus superiores, mas não é crime ter um caso, pelo menos até onde eu sei.

— Realmente, não é. Mas traição é, e é disso que vão acusá-lo.

— Você sabe muito bem que não tem absolutamente nenhuma prova para me acusar. Isso é só uma tentativa fajuta de me chantagear. Então repito: vá à merda.

— Tudo bem, Dennis, vamos fazer o seguinte. Você vai sair dessa van daqui a cinco minutos, pegar sua bicicleta e voltar para casa. Talvez seja bom comprar umas flores para sua esposa; o posto de gasolina está com rosas a um preço bem razoável. Amanhã cedo, um carro vai passar na sua casa às sete horas para buscá-lo e levá-lo até a Estação de Pesquisa de Dever em Hampshire. Seu assistente na Thames House já foi informado de que você passará os próximos três dias trabalhando lá, em um curso de antiterrorismo. Nesse período, em outra parte do complexo, você também será questionado discretamente sobre os indivíduos de que estamos falando. Ninguém mais saberá disso, e não haverá qualquer sinal

visível de ruptura em suas atividades rotineiras. Imagino que você saiba que a Estação está registrada como um ativo secreto do governo e tem segurança total. Se essas conversas correrem bem, e tenho certeza de que vão, você será liberado.

— E se eu me recusar?

— Dennis, é melhor nem começar a pensar no que acontece se você se recusar. Sério. Seria um deus nos acuda. Penny, por exemplo. Dá para imaginar? E as crianças. O pai delas, julgado por traição? Melhor nem pensar nisso, tudo bem?

Um longo silêncio.

— Você disse sete da manhã?

— Isso. Se for mais tarde, o trânsito vai estar terrível.

Dennis contempla o crepúsculo enevoadado.

— Tudo bem — responde.

Eve Polastri coloca o telefone na mesa, dá um suspiro e fecha os olhos. A personagem forte e imponente que ela estava interpretando para Dennis Cradle não tem nada a ver com ela, e se os dois estivessem cara a cara ela não teria sido capaz de manter o tom debochado, especialmente considerando que, quando ela trabalhava no MI5, a diferença hierárquica em relação a ele era estratosférica. Mas aquele último “tudo bem” foi, na prática, uma admissão de culpa, e, mesmo que seja quase certo o choque dele ao vê-la no dia seguinte, não vai ser nada que ela não consiga encarar.

— Belo trabalho — diz Richard Edwards, tirando o headphone com que estava escutando a conversa e se acomodando na cadeira desconfortável da sala na Goodge Street.

— Trabalho em equipe — responde Eve. — Lance o matou de susto, e Billy dirigiu como um anjo.

Richard assente. Tecnicamente, como chefe da divisão russa do MI6, Richard é o chefe de Eve, mas suas visitas ao escritório são pouco frequentes, e o nome dela não está em nenhuma lista oficial do quadro de funcionários dos serviços de segurança.

— Vamos deixá-lo refletir sobre a situação hoje à noite, de preferência junto daquela esposa estouradinha dele. Amanhã, você pode arrancar o couro do cara.

— Você acha que amanhã cedo ele vai estar lá? Não acha que vai tentar fugir hoje à noite?

— Não. Dennis Cradle pode ser um traidor, mas não é burro. Se fugir, vai se dar mal. Nós somos a única chance, e ele sabe.

— Não tem chance de ele...

— Se matar? Dennis? Não, ele não faz esse tipo. Eu o conheço desde que estudamos juntos em Oxford, e ele é do tipo que dá o tapa e esconde a mão. É um sujeito que acha que consegue se livrar de qualquer problema, por mais complicado que seja, com um vinho decente em um bom restaurante, se possível à custa de outra pessoa. Ele vai nos contar o que a gente precisa saber e vai guardar segredo. Porque, embora nosso pessoal possa dar medo, o pessoal a quem ele se associou quando nos traiu deve ser infinitamente pior. Se houver qualquer insinuação de que ele foi descoberto, vão dar cabo dele na hora.

— Sem dó.

— Sem o menor dó. Provavelmente vão mandar sua amiga para resolver.

Eve sorri, e o celular em sua bolsa vibra. É uma mensagem de texto de Niko, perguntando que hora ela vai para casa. Ela responde oito horas, mesmo sabendo que provavelmente só vai chegar, no mínimo, às oito e meia.

Richard fixa o olhar na janela imunda, a única do escritório.

— Eu sei o que você está pensando, Eve. E a resposta é não.

— O que estou pensando?

— Espremer Cradle e depois usá-lo de isca. Ver o que aparece.

— Não é uma ideia de todo ruim.

— Assassinato sempre é uma ideia ruim, acredite, e isso seria assassinato.

— Não se preocupe, vou me ater ao plano. Dennis vai voltar aos braços da linda Gabi mais rápido do que se pronuncia “crise da meia-idade”.

Rinat Yevtukh, líder da organização criminosa Irmandade Dourada, de Odessa, está frustrado. Garantiram-lhe que Veneza é mais que uma cidade, que é um dos bastiões da cultura ocidental, talvez o destino definitivo em termos de luxo. Mas, por algum motivo, parado diante da janela da suíte no Hotel Danieli com o roupão e sandálias de cortesia, ele não está conseguindo sentir o local.

Em parte, é o estresse. O sequestro do russo em Odessa foi um erro, ele já entendeu. Ele tinha motivos para pensar que a coisa toda se desenrolaria do mesmo jeito de sempre. Um vaivém de negociações nos bastidores, um acordo quanto a um valor em dinheiro, e nenhum ressentimento entre as partes. Só que algum maluco resolveu levar a história toda para o lado pessoal, e o resultado foi seis homens de Rinat mortos, mais o refém, e a casa dele em Fontanka destruída. Ele tinha outras casas, claro, e substituir os homens não era nenhum grande problema. Mas não deixa de ser trabalho, e chega um ponto na vida em que essas coisas começam a pesar.

A Suíte Doge no Danieli oferece um luxo reconfortante. Querubins alados fazem farra nas nuvens de algodão-doce do

afresco no teto, retratos de aristocratas venezianos revestem as paredes luminosas de damasco dourado e tapetes antigos cobrem o chão. Uma mesa lateral sustenta uma estatueta de vidro colorido de um metro de altura de um palhaço chorando, comprada em uma fábrica de Murano naquela manhã e destinada a decorar o apartamento de Rinat em Kiev.

Katya Goraya, uma modelo de lingerie de vinte e cinco anos, namorada de Rinat, está esparramada, descalça, em uma *chaise longue* rococó. Com um *cropped* da Dior e calça jeans *destroyed* da Dussault, Katya está olhando o celular, mascando chiclete e balançando a cabeça ao som de uma música da Lady Gaga. De vez em quando ela canta junto, na medida em que o chiclete e o inglês limitado permitem. Houve uma época em que Rinat achava isso charmoso, mas agora é apenas irritante.

— *Bad romance* — diz ele.

Sem a menor pressa, Katya tira os fones dos ouvidos, enquanto a renda da blusa se esforça para conter seus caríssimos seios siliconados.

— *Bad romance* — repete Rinat. — Não *bedroom ants*.

Ela o encara com um olhar perdido e franze a testa.

— Quero voltar na Gucci. Mudei de ideia sobre aquela bolsa. A rosa de couro de cobra.

Não tem nada que Rinat queira menos. Aqueles vendedores metidos a besta de San Marco. Cheios de sorriso até pegar no dinheiro, depois consideram o cliente e merda de cachorro a mesma coisa.

— A gente precisa ir agora, Rinat. Antes deles fecharem.

— Vá você. Leve Slava.

Ela fecha a cara. Rinat sabe que Katya quer que ele vá porque, se for, vai pagar pela bolsa. Se o guarda-costas a levar, ela vai ter que

pagar com o dinheiro da mesada. Que ele também paga.

— Quer fazer amor? — A expressão de Katya se abrandava. — Quando a gente voltar da loja, vou comer seu cu com o cintaralho.

Rinat não dá nenhum sinal de que escutou. Na verdade, o que ele quer é estar em outro lugar. Quer se perder no mundo atrás das cortinas de seda dourada, onde a tarde cede espaço ao anoitecer, onde gôndolas e táxis aquáticos traçam linhas sutis pela água.

— Rinat?

Ele fecha a porta do quarto atrás de si. Leva dez minutos para tomar banho e se vestir. Quando volta à sala da suíte, Katya continua na mesma posição.

— Você vai me largar aqui? — pergunta ela, incrédula.

Com o cenho franzido, Rinat se olha em um espelho prateado octogonal. Depois de fechar a porta da suíte, ele escuta o som, que não deixa de ser impressionante, de um palhaço de vidro de Murano de vinte quilos se estilhaçando no piso antigo da varanda.

Há um silêncio abençoado no bar da cobertura do hotel. Mais tarde, ficará lotado de hóspedes, mas por enquanto só dois casais estão lá, sentados e quietos. Rinat se acomoda na varanda, recosta-se na cadeira e, com os olhos entreabertos, observa o balanço delicado das gôndolas nos píeres. Logo, logo vai ser hora de sair de Odessa, pensa ele. De tirar o dinheiro da Ucrânia e levar para uma jurisdição menos volátil. Ao longo da última década, a trinca sexo, drogas e tráfico de pessoas se revelou a perfeita máquina de fazer dinheiro, mas, com a chegada de figuras novas, como as gangues turcas, e com a pressão brutal dos russos, o jogo está virando. Sabedoria, diz Rinat para si mesmo, é perceber a hora de tirar seu time de campo.

Katya está de olho em Golden Beach, Miami, onde uma casa de luxo na praia com atracadouro particular sai por menos de doze

milhões de dólares, incluindo propinas ao Serviço de Cidadania e Imigração dos Estados Unidos. Rinat, contudo, vem ponderando cada vez mais que a vida talvez seja menos estressante sem Katya e suas exigências constantes, e os últimos dias o fizeram pensar na Europa Ocidental. Na Itália, especificamente, que parece adotar uma postura relaxada diante de crimes de depravação moral. A terra tem classe — carros esportivos, roupas, construções velhas e fodidas —, e as mulheres italianas são incríveis. Até as vendedoras nas lojas parecem atrizes de cinema.

Um jovem sério de terno escuro se materializa atrás de Rinat, e ele pede um uísque *single malt*.

— Cancele esse pedido. Prepare um negroni sbagliato para o cavalheiro. E traga um para mim também.

Rinat se vira e encontra o olhar bem-humorado de uma mulher atrás dele, com um elegante vestido curto de chiffon preto.

— Você está em Veneza, afinal.

— Estou — concorda ele, meio atordoado, e faz um gesto com a cabeça para o garçom, que se afasta silenciosamente.

Ela volta o olhar para a água, que brilha como ouro branco à luz do entardecer.

— É como dizem, “ver Veneza e morrer”.

— Não pretendo morrer ainda. E não conheci muito de Veneza, só o interior das lojas.

— Que pena, porque as lojas aqui são cheias de porcaria para turistas, ou são iguais às que existem em cem outras cidades, talvez só mais caras. Veneza não tem nada a ver com o presente, Veneza é puro passado.

Rinat a encara. Ela é mesmo muito bonita. A cor de âmbar do olhar, o sorriso oblíquo, toda aquela aparência cara e refinada. Ele finalmente pensa em lhe oferecer uma cadeira.

— *Sei gentile*. Mas estou interrompendo sua noite.

— De forma alguma. Estou ansioso para experimentar aquela bebida. Como é que se chama, mesmo?

Ela se senta e, com um farfalhar das meias-calças de seda, que Rinat não deixa de reparar, cruza as pernas.

— Negroni sbagliato. É um negroni, mas com espumante no lugar do gim. E no Danieli, *ovviamente*, ele é preparado com champanhe. Para mim, é a bebida perfeita para o pôr do sol.

— Melhor que uísque *single malt*?

Um pequeno sorriso.

— Acho que sim.

E de fato é. Rinat não é um homem de beleza evidente. A cabeça careca parece uma batata da Crimeia, e seu terno de seda feito à mão não esconde o porte brutal do corpo. Mas riqueza, qualquer que seja a origem, tende a chamar atenção, e Rinat não é estranho à companhia de mulheres desejáveis. E Marina Falieri, como ela diz que se chama, é totalmente desejável.

Rinat não consegue tirar os olhos daquela boca. Tem uma pequena cicatriz na curva do lábio superior, e a assimetria relutante confere ao sorriso uma qualidade ambígua. Uma vulnerabilidade que atrai, discreta, mas insistentemente, o lado predador dele. Ela demonstra um interesse lisonjeiro em tudo que ele tem a dizer, e ele por sua vez se permite tagarelar à vontade. Ele fala de Odessa, da histórica Catedral da Transfiguração, que frequenta regularmente para rezar, e do magnífico Teatro de Ópera e Balé, para o qual, como dedicado patrono das artes, ele doou milhões de rublos. Esse relato que faz de si, ainda que totalmente fictício, é rico em detalhes convincentes, e os olhos de Marina brilham conforme escuta. Ela até o convence a lhe ensinar algumas frases em russo, que ela repete com adorável falta de jeito.

E então, de repente, a noite chega ao fim. Marina explica, com pesar, que precisa comparecer a um jantar oficial em Sant'Angelo. Será tedioso, e ela queria poder ficar, mas faz parte da comissão diretora da Bienal de Veneza, e...

— *Per favore, Marina. Capisco* — diz Rinat, gastando todas as suas reservas de italiano no que ele espera que seja um sorriso galante.

— Seu sotaque, Rinat. *Perfezione!* — Com um breve silêncio, ela lança um sorriso de cumplicidade. — É possível, por acaso, que você esteja livre para almoçar amanhã?

— Ora, por acaso estou.

— Excelente. Vamos nos encontrar às onze na entrada do rio do hotel. Será um prazer lhe mostrar algo da... *Veneza de verdade*.

Eles se levantam, e ela vai embora. Quatro taças vazias repousam na toalha branca da mesa, três dele e uma dela. O sol está baixo no céu, parcialmente oculto atrás de nuvens rosadas. Rinat se vira para chamar o garçom, mas ele já está ali, paciente e discreto como um agente funerário.

No ônibus, que avança a passo de lesma pela Tottenham Court Road, a única pessoa a olhar duas vezes para Eve é um homem nitidamente perturbado que pisca para ela sem parar. Faz calor nesse fim de tarde, e o ônibus cheira a cabelo molhado e desodorante velho. Eve abre o *Evening Standard*, folheia as páginas de notícias e as descrições de festas e adultério em série do Primrose Hill, depois se acomoda placidamente no caderno de classificados de imóveis.

É absolutamente impensável que ela e Niko seriam capazes de bancar qualquer uma das residências exibidas ali de forma tão

sedutora. Aqueles casarões vitorianos e complexos industriais transformados em apartamentos fabulosos e cheios de luz. Aquelas vistas panorâmicas do rio cercadas por uma moldura de aço e vidro liso. E Eve também não as deseja, não concretamente. Ela fica fascinada por esses espaços porque estão vazios e parecem meio inacreditáveis. Porque servem como ambiente imaginário de outras vidas que ela poderia ter tido.

Eve chega pouco depois das quinze pras nove ao quarto e sala onde ela e Niko moram de aluguel e, passando pelo acúmulo de sapatos, acessórios de bicicleta, pacotes da Amazon e casacos caídos, segue o cheiro de comida até a cozinha. A mesa, que sustenta uma pilha instável de livros didáticos de matemática e uma garrafa de vinho barato, está posta para duas pessoas. Um chiado e um assobio sem ritmo vindo do banheiro indicam que Niko está tomando banho.

— Desculpa o atraso — grita ela. — O cheiro está uma delícia. É o quê?

— Goulash. Pode abrir o vinho?

Eve mal tirou o saca-rolha da gaveta quando escuta uns cliques frenéticos no chão atrás de si e, ao se virar, vê dois vultos animais de tamanho considerável saltando e aterrissando na mesa, espalhando livros escolares por todos os cantos. Por um instante, Eve fica chocada demais para se mexer. O vinho cai da mesa e se espatifa no chão de azulejos. Dois pares de olhos verde-claros a observam, curiosos.

— *Niko.*

Ele emerge do banheiro, úmido, toalha na cintura, chinelo nos pés.

— Amor. Então você já conheceu Thelma e Louise.

Eve o encara. Quando ele passa por cima do lago cada vez maior de vinho e a beija, ela não se mexe.

— Louise é a desastrada. Aposto que foi ela que...

— Niko. Antes que eu te *mate*...

— São anãs-nigerianas. E a gente nunca mais vai comprar leite, creme, queijo e sabão.

— Niko, presta atenção. Vou dar um pulo na loja de conveniência, porque meu dia foi infernal e todo o álcool que a gente tem em casa está esparramado no chão. Quando eu voltar, quero me sentar, aproveitar seu goulash e uma boa garrafa de vinho tinto, talvez duas, e relaxar. Não vamos nem tocar no assunto desses dois animais em cima da mesa, porque, quando eu chegar, eles terão desaparecido como se nunca tivessem existido, o.k.?

— Hm... o.k.

— Ótimo. Até daqui dez minutos.

Quando Eve volta, trazendo mais duas garrafas de vinho, a cozinha passou por uma faxina superficial, mas razoável, não tem cabra nenhuma à vista, e Niko está vestido. O coração de Eve se acelera e ao mesmo tempo se aperta quando ela sente o cheiro de Acqua di Parma e percebe que ele está usando a calça jeans da Diesel. Nenhum dos dois nunca falou abertamente disso, mas Eve sabe que sempre que Niko usa essa calça e passa esse perfume depois das seis da tarde é para indicar que está com intenções românticas e gostaria de terminar a noite fazendo amor.

Eve não tem nenhum equivalente para o jeans do sexo de Niko, como ela chama. Nenhum sapato “me come” ou vestido de paquera, nenhuma lingerie de renda e cetim. O guarda-roupa profissional dela é anônimo e utilitário, e ela fica se sentindo boba e constrangida quando usa algo diferente. Niko diz com frequência que ela é bonita, mas Eve não acredita muito. Aceita que ele a ama

— ele repete isso demais para não ser verdade —, mas o motivo é um grande mistério.

Eles conversam sobre o trabalho dele. Niko dá aula na escola do bairro e tem uma teoria de que adolescentes mais humildes, que usam dinheiro vivo quando compram coisas, sabem fazer conta de cabeça muito melhor do que os ricos, que andam com cartões de crédito.

— Eles me chamam de Borat — diz ele. — Você acha que é um elogio?

— Alto, sotaque do Leste Europeu, bigode... Meio inevitável. Mas você sabe que é maravilhoso com eles.

— Eles são bonzinhos. Eu gosto deles. Como foi o seu dia?

— Esquisito. Liguei para uma pessoa usando um modificador de voz.

— Para disfarçar mesmo a sua voz, ou de brincadeira?

— Para disfarçar. Eu não queria que o cara soubesse que eu era uma mulher. Queria parecer o Darth Vader.

— Não vou nem tentar imaginar... — Ele olha para Eve. — Acho que você gostaria das meninas. De verdade.

— Que meninas?

— Thelma e Louise. As cabras. Elas são umas gracinhas.

Eve fecha os olhos.

— Onde elas estão agora?

— Na casa delas. Lá fora.

— Elas têm uma casa?

— Veio inclusa no pacote.

— Então você comprou mesmo. Elas vão ficar?

— Já fiz as contas, amor. Anãs-nigerianas são a raça que produz o leite mais nutritivo, e elas só pesam uns trinta e cinco quilos

quando adultas, então comem menos feno. Vamos ser completamente autossuficientes em relação a laticínios.

— Niko, a gente mora em um buraco da Finchley Road, não na porra de Cotswolds.

— Além disso, anãs-nigerianas são...

— Pare de chamar assim, por favor. São cabras. E você está maluco se acha que eu vou acordar todo dia, ou um dia sequer, para ordenhar um par de cabras.

Em resposta, Niko se levanta da mesa e sai para o espaço pavimentado minúsculo que eles chamam de jardim. Pouco depois, Thelma e Louise entram alegres e saltitantes na cozinha.

— Ai, meu Deus. — Eve suspira e pega o vinho.

Depois do jantar, Niko lava a louça e em seguida vai ao banheiro reforçar a Acqua di Parma, lavar as mãos e passar os dedos molhados no cabelo. Quando volta, dá com Eve dormindo no sofá, com uma colher em uma das mãos e um pote de sorvete quase caindo da outra. Thelma está deitada confortavelmente a seu lado, e Louise está com as patas dianteiras em cima do sofá, lambendo o resto do sorvete de flocos derretido com a língua rosada comprida.

Rinat Yevtukh está bem vestido para o encontro da manhã.

Escolheu cuidadosamente, depois de alguma reflexão, uma camisa polo da Versace, calça de seda rústica e um mocassim de couro de avestruz da Santoni. Um Rolex Submariner de ouro maciço completa o visual de homem de excelente bom gosto que não deve ser irritado em hipótese alguma.

Marina Falieri o faz esperar meia hora embaixo do pavilhão de ferro da entrada do rio do Danieli. Atrás dele, dois guarda-costas com terno bem ajustado examinam o canal estreito com olhares

entediados. O estado de espírito vingativo de Katya ainda não cedeu, mas foi atenuado pela promessa de uma página dupla na *Playboy* russa, e talvez até a capa. Rinat não tem nem como oferecer uma coisa dessas, mas esse problema ele resolve quando for a hora. Por enquanto, Katya está enclausurada na segurança do salão de beleza do hotel, passando por um tratamento de revitalização que inclui essência de trufas brancas e pó de diamante.

Pouco depois das onze e meia, uma *motoscafo* branca elegante passa sob a ponte baixa e balaustrada e se aproxima do píer do hotel. Marina está no volante, com uma camiseta listrada e calças jeans enquanto seu cabelo escuro balança em torno dos ombros. Ela também está usando — o que Rinat acha desmedidamente sensual — delicadas luvas de couro.

— Então. — Ela levanta os óculos escuros. — Pronto para ver *la vera Veneza*?

— Com certeza.

Rinat pisa no deque de mogno envernizado com os sapatos novos e vacila por um instante. Seus guarda-costas avançam, por reflexo, mas ele pula para a cabine ao lado de Marina, apoiando a mão pesada no ombro dela para se equilibrar.

— Desculpe.

— Não tem problema. Aqueles rapazes são seus?

— São da minha equipe de segurança, sim.

— Bom, você vai estar em perfeita segurança comigo. — Ela sorri. — Mas fique à vontade para chamá-los também, se quiser.

— Claro que não.

Rinat fala em um russo acelerado com os dois homens, dando ordens para que fiquem de olho em Katya e avisem que ele saiu para almoçar com um parceiro de negócios. Um homem, claro. Não essa *devushka*.

Os homens dão um sorrisinho e se afastam.

— Eu com certeza vou aprender russo — diz Marina, manobrando a lancha por baixo da ponte de carros. — Parece uma língua tão expressiva.

Com destreza, ela traça um caminho por entre as gôndolas e outras embarcações fluviais e conduz a lancha tranquilamente no sentido sul, passando pela ilha de San Giorgio Maggiore e a curva oriental da Giudecca. À medida que a *motoscafo* desliza pela superfície plácida da lagoa, deixando uma esteira clara atrás de si com o motor de cento e cinquenta cavalos, Marina comenta com Rinat sobre os palácios e as igrejas pelos quais eles passam.

— Então, onde exatamente você mora? — pergunta Rinat.

— Minha família tem um apartamento perto do Palazzo Cicogna — diz ela. — Os Falieri são originários de Veneza, mas nossa residência principal agora é em Milão.

Ele lança um olhar para a mão esquerda dela, coberta pela luva, ligeiramente encurvada sobre o volante.

— E você não é casada?

— Já tive um relacionamento bem sério, mas ele morreu.

— Sinto muito. Meus pêsames.

Ela aumenta a velocidade.

— Foi muito triste. Eu estava presente quando ele morreu. Fiquei arrasada. Mas a vida continua.

— Continua mesmo.

Ela se vira para ele e empurra os óculos de sol para cima e, por um instante, ele é fisgado por seu olhar cor de âmbar.

— Se você olhar às suas costas, nesse cooler, vai ver uma coqueteleira e uns copos. Quer se servir uma bebida?

Ele pega a coqueteleira coberta de gelo e um copo alto.

— Posso lhe servir um copo?

— Vou esperar até chegarmos à ilha. Pode começar.

Ele serve, toma um gole e faz um gesto de aprovação.

— Isto é... muito bom.

— É um *limoncello*. Sempre achei perfeito para manhãs assim.

— Delicioso. Então fale um pouco sobre essa ilha para onde estamos indo.

— O nome é Ottagone Falieri. Antigamente era um forte, construído para proteger Veneza contra invasores. Um dos meus antepassados comprou no século XIX. Ainda somos donos, mas ninguém mais vai lá, e o lugar é praticamente uma ruína.

— Parece muito romântico.

Ela dá um sorriso velado.

— Vamos ver. Sem dúvida é um lugar interessante.

Eles agora estão seguindo um curso reto. A Giudecca já está bem longe; à frente, Rinat só vê a água verde-cinzenta. O *limoncello* se espalha por suas veias com uma lentidão glacial. Ele se sente, pela primeira vez desde que se lembra, em paz.

O forte emerge, de repente, em meio à bruma. A paisagem é composta de muralhas constituídas de pedra cortada, e acima delas há algumas copas de árvore esparsas. Pouco depois, eles veem um píer. Nele, está amarrada uma lancha motorizada menor, com casco pintado de preto.

— Temos companhia.

— Pedi para virem na frente com o almoço — diz Marina, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Rinat faz que sim. Claro. Tudo nessa mulher o encanta e impressiona. Sua beleza atípica, que nas últimas horas ele teve várias oportunidades de examinar de perto. A familiaridade tranquila dela com a riqueza. Uma riqueza antiga, do tipo que não precisa ser ostentada, mas que mesmo assim se faz presente com

uma força nada ambígua. Rinat sabe que não basta ter dinheiro. É preciso ter contatos, saber os sinais secretos com os quais aristocratas genuínos se reconhecem. Aristocratas como Marina Falieri.

Está cada vez mais nítido que Katya já era.

Marina amarra a *motoscafo* e, conforme eles avançam pelo píer de madeira desbotada pelo sol, Rinat escuta um vago tinido. Há uma escada embutida na muralha e, lá no alto, fica um complexo octogonal, com uns cem metros de ponta a ponta. Em uma das extremidades, ele vê as ruínas de um edifício de alvenaria, obscurecido por pinheiros baixos. O resto do solo é coberto por mato, entrecortado por uma trilha. Na ponta mais afastada da escada, uma jovem de físico forte e cabelo curto está com uma picareta na mão, batendo a um ritmo constante no chão de pedra. Com a parte de cima de um biquíni, short de estilo militar e coturno, o visual é peculiar. Enquanto Rinat a observa, a mulher se vira, cruza olhares brevemente com ele, larga a picareta e caminha em direção ao edifício em ruínas.

Marina a ignora e conduz Rinat a uma mesa coberta por uma toalha branca no meio do complexo. De cada lado da mesa, ele vê uma cadeira de jardim de ferro ornamentado.

— Podemos? — pergunta ela.

Eles se sentam. Para além da muralha de pedra não há qualquer sinal de terra, apenas a vastidão pacífica da água. Atrás de si, Rinat escuta o som de uma bandeja. É a mulher da picareta, com vinho resfriado e água mineral, antepastos e confeitos minúsculos e refinados. O corpo musculoso dela está coberto por um ligeiro brilho de suor, e suas panturrilhas e botas estão empoeiradas.

Marina a ignora e sorri para Rinat.

— Por favor. *Buon appetito*.

Rinat tenta engolir uma garfada de mortadela, mas, por algum motivo, perdeu o apetite e está se sentindo vagamente enjoado. Ele se obriga a mastigar e engolir. Pouco depois, o som constante da picareta recomeça.

— O que exatamente ela está fazendo?

A voz dele parece distante, desconexa.

— Ah, um pouco de jardinagem. Eu gosto de mantê-la ocupada. Mas permita-me servir um pouco deste vinho. É um Bianco di Custoza, daqui da região. Tenho certeza de que você vai gostar.

Vinho, da região ou de qualquer outro lugar, é a última coisa que Rinat quer, mas a educação o obriga a estender a taça. Ele mal consegue mantê-la firme enquanto Marina serve. Suor escorre por seu rosto e pelas costas; o horizonte oscila e estremece. Algum lado ainda atento dele percebe que os tinidos da picareta foram substituídos pelas batidas rítmicas e constantes de uma pá. Ele tenta beber um pouco de água, mas engasga e regurgita o vinho e a mortadela na toalha de mesa.

— Me... — começa ele, recostando-se pesadamente na cadeira.

Seu coração está acelerado, e os braços e o peito começam a formigar e arder como se a pele estivesse cheia de formigas-de-fogo. Ele leva as mãos ao corpo, sentindo o pânico crescente no peito.

— Essa sensação se chama parestesia — explica Marina em russo, bebericando o vinho. — É um sintoma de envenenamento por aconitina.

Rinat a encara com olhos arregalados.

— Estava no *limoncello*. Em menos de uma hora, você vai morrer de ataque cardíaco ou parada respiratória, e a julgar pela sua aparência agora eu apostaria em ataque cardíaco. Até lá, você vai...

Retorcendo-se na cadeira de ferro, Rinat vomita pela segunda vez e evacua as tripas, ruidosamente, nas calças de seda cor de marfim.

— Exatamente. E, quanto ao resto, não vou estragar a surpresa. — Ela se vira e acena para a outra mulher. — Lara, *detka*, venha cá.

Lara deixa a pá no chão e se aproxima, sem pressa.

— Estou quase acabando de cavar a cova — diz ela e, depois de pensar um pouco, pega um dos confeitos da caixa. — Nossa, *kotik*, esses são muito bons.

— Não são perfeitos? Comprei naquela *pasticceria* da San Marco, onde comemos o bolo de creme.

— A gente precisa ir lá de novo. — Lara olha para Rinat, que caiu da cadeira e está tendo convulsões no chão, cercado por moscas atraídas pelas calças sujas. — Quanto tempo você acha que leva até ele morrer de vez?

Marina torce o nariz.

— Meia hora, mais ou menos? Vai ser bom enterrá-lo. Esse cheiro está estragando meu apetite.

— Está um pouco forte.

— Por outro lado, poderíamos salvar a vida dele, se ele dissesse o que a gente precisa saber. Eu tenho um antídoto para aconitina.

Rinat arregala os olhos.

— *Pozhaluysta* — murmura ele, com o rosto coberto de lágrimas e vômito. — Por favor. Digo o que você precisar.

— Vou falar o que preciso — diz Lara, pensativa, pegando outro confeito. — Passei a manhã toda com uma música na cabeça e estou ficando literalmente maluca. *Dada dada dada dada da dadadada...*

— *Posledniy raz* — murmura Rinat, agonizando e se encolhendo em posição fetal.

— Nossa, é mesmo. Que vergonha. Minha mãe vivia cantarolando essa música. Aposto que a sua também, *detka*.

— Para falar a verdade, ela não tinha muito motivo para cantar. A menos que você considere o câncer em estágio terminal. — A ponta da língua toca a cicatriz no lábio superior. — Mas estamos desperdiçando os últimos preciosos minutos de Rinat. — Ela se agacha para ficar bem na frente dos olhos dele. — O que preciso, *ublyudok*, é de respostas, e rápido. Uma mentira, um instante de hesitação, e você vai morrer de caganeira.

— A verdade. Juro.

— Então está bem. O homem que você sequestrou em Odessa. Por que você o raptou?

— Recebemos ordens do SVR, o Serviço Secreto da Rús...

— Eu conheço a porra do SVR. Por quê?

— Fui chamado para um dos centros deles. Falaram... — Ele sofre mais um espasmo, e uma bolha de saliva amarelada se forma em seus lábios.

— O tempo está passando, Rinat. O que falaram para você?

— Para... pegar aquele homem, Konstantin. Levar para o casarão em Fontanka.

— Então por que você fez o que eles pediram?

— Porque eles... ah, meu Deus, *por favor*...

As mãos dele agarram os braços e o peito conforme a parestesia volta a atacar.

— Porque eles o quê?

— Eles... eles sabiam de coisas. Sobre *Zolotoye Bratstvo*, a Irmandade Dourada. Que a gente tinha mandado garotas da Ucrânia para a Turquia, Hungria e República Tcheca como

prostitutas. Eles tinham entrevistas, documentos, podiam me destruir. Tudo que eu...

— E o SVR interrogou esse homem, Konstantin, na sua casa em Fontanka?

— Foi.

— E conseguiram as respostas que queriam?

— Não sei. Eles o interrogaram, mas... ai, meu Deus.

Ele vomita, expele bÍlis, e a bexiga se esvazia. O cheiro e o zumbido furioso das moscas se intensificam. Do outro lado da mesa, Lara se serve de um terceiro confeito.

— Mas...?

— Mas me mandaram ficar longe. Só escutei uma pergunta que ficaram gritando sem parar: “Quem são os *Dvenadtsat*, os Doze?”.

— E ele falou?

— Não sei, eles... Eles o espancaram pra caramba.

— E aí ele falou, ou não?

— Não sei. Juro.

— *Govno*. Duvido.

Ele vomita de novo, e lágrimas escorrem pelo rosto.

— *Por favor* — geme ele.

— Por favor o quê?

— Você disse...

— Eu sei o que eu disse, *mudak*. Fale dos Doze.

— Só ouvi boatos.

— Diga.

— Eles devem ser um tipo de... organização secreta. Muito poderosa, muito implacável. É só isso que sei, juro.

— O que eles querem?

— Como é que eu vou saber, porra?

Ela assente, com ar pensativo.

— Então de que idade eram as garotas? As que a Irmandade Dourada mandou para a Europa?

— Dezesseis, no mínimo. A gente não pega...

— Não pegam crianças? Você é o quê, feminista?

Rinat abre a boca para responder, mas sofre outra convulsão, e suas costas se arqueiam tanto que, por um instante, ele fica apoiado nas mãos e nos pés como uma aranha. Então um pé se firma em seu peito, empurrando-o, agonizante, para o chão. Depois, a mulher que ele conhece como Marina Falieri tira a peruca preta e as lentes de contato cor de âmbar.

— Queime isto — diz ela para Lara.

Ela é muito diferente sem o disfarce. Cabelo louro-escuro e olhos cinzentos vazios e inescrutáveis. Sem falar na pistola automática CZ com silenciador na mão dela. Rinat sabe que é o fim, e essa percepção, de alguma forma, faz a dor diminuir um pouco.

— Quem é você? — murmura ele. — Quem é você, *porra*?

— Meu nome é Villanelle. — Ela aponta a CZ para o coração dele.
— Eu mato para os Doze.

Ele a encara e ela atira duas vezes. No ar úmido e abafado do meio-dia, as explosões silenciadas parecem o som de gravetos secos se quebrando.

Não demora muito para arrastar Rinat até a cova pronta e enterrá-lo. É uma tarefa cansativa e desagradável, que Villanelle delega a Lara. Enquanto isso, ela põe a mesa, as cadeiras e o resto do almoço na *motoscafo*. Quando volta, está trazendo um galão de combustível. Ela tira a camiseta e a calça jeans, encharca tudo com gasolina e joga na fogueira que Lara acendeu, em cima dos restos incandescentes da peruca.

*image
not
available*

— Por que você inventou toda aquela história do veneno? Você tinha uma arma.

— Acha que eu devia ter ameaçado atirar caso ele não falasse?

— Por que não? Bem mais fácil.

— Pense. Imagine como a cena correria.

Lara despeja a ostra pela goela e fita a penumbra do entardecer.

— Porque é um jogo de gato e rato?

— Exatamente. Esses *vory* das antigas, eles são casca-grossa, até mesmo bostas como Yevtukh, e nesse mundo a reputação é tudo. Você pode ameaçar matar um cara se ele não falar, mas e se ele mandar você se foder? Se você o matar, não vai escutar o que ele tem a dizer.

— E se você atirasse na mão, no pé ou em algum lugar bem doloroso, mas não letal, e dissesse que ia atirar de novo se ele não falasse?

— É uma opção mais inteligente, mas, se você quer a verdade, é melhor não submeter o indivíduo ao choque de um ferimento à bala. As pessoas falam coisas muito estranhas quando estão em choque. O negócio da história com veneno e antídoto é que ele assume a responsabilidade. Ele é que precisa tomar uma decisão difícil, não você. Ele pode acreditar ou não, e, aliás, não existe nenhum antídoto conhecido para uma dose letal de aconitina, mas ele sabe que a única chance de sobreviver é falando. Se ficar quieto, vai morrer com certeza.

— Xeque-mate.

— Isso. O segredo é acertar o tempo. Você precisa deixar o veneno agir para que a pressão passe a vir dele, não de você. No fim, ele vai estar tão desesperado que não vai calar a boca.

*image
not
available*

2

Se Dennis Cradle fica surpreso ao ver Eve quando ela passa para buscá-lo em casa, disfarça bem. O carro é um VW Golf de oito anos de idade da frota do MI6, com cheiro de aromatizador velho, e Cradle se acomoda no banco do carona sem falar nada. Quando o carro se afasta da casa, Eve sintoniza o programa *Today* da Rádio 4, e os dois fingem prestar atenção.

Cradle fica em silêncio durante todo o trajeto até Dever. A princípio, Eve interpreta isso como um esforço desesperado de estabelecer alguma forma de autoridade, considerando que ele era bastante superior quando ela trabalhava no MI5. Depois lhe ocorre uma explicação mais sinistra para o comportamento. Ele não está falando nada porque sabe exatamente o que ela está fazendo ali, assim como a organização para a qual ele trabalha. Nesse caso, o que mais sabem dela? E de Niko, aliás? A ideia de que seu marido pode ser alvo de observação, ou talvez de algo pior, por parte de inimigos a deixa com um sentimento intenso e angustiante de culpa. É impossível negar o fato de que foi ela que procurou essa situação. Richard teria compreendido se ela tivesse decidido recuar após o assassinato de Simon Mortimer em Xangai; na verdade, ele até insistiu. Mas ela não pode, e não quer, desistir.

Em parte, é um anseio por respostas. Quem é a mulher anônima que deixou um rastro tão sangrento pelas partes obscuras do mundo da espionagem? Quem são seus empregadores, o que

*image
not
available*

— Mais ou menos — diz Cradle, entregando uma das canecas para ela. — E, quando cheguei lá, não vou mentir, fiquei feliz de ter ido.

— Então quem era esse amigo?

— Um russo, Sergei. Um cara jovem, de uns trinta anos, incrivelmente educado. Terno Brioni, inglês impecável, com um francês em sotaque perfeito para o *sommelier*, simpático pra caramba. E na mesa, por incrível que pareça, três taças e uma garrafa de DRC.

— E o que isso significa, em língua de gente?

— *Domaine de la Romanée-Conti*. O melhor, mais raro e, sem sombra de dúvida, mais caro borgonha tinto do mundo. Era um 1988, com preço na faixa de doze mil. Quase desmaiei.

— Foi esse o seu preço? A chance de beber um vinho caro?

— Não me julgue, Eve, isso não é muito a sua cara. E não, meu preço não foi esse. Isso foi só o aperto de mão. E, por mais que o vinho fosse bom, e quando falo bom quero dizer sublime, não me senti nem um pouco comprometido, e em circunstâncias normais eu não teria tido o menor problema em agradecer Rem e Sergei, trocar um aperto de mãos e nunca mais voltar a vê-los.

— Então o que essa noite teve de anormal?

— A conversa. Sergei, se é que esse era o nome dele mesmo, tinha uma noção de estratégia global que raramente se vê fora dos melhores institutos de pesquisa e dos círculos mais elevados do governo. Quando alguém assim analisa e expõe os temas, a gente presta atenção.

— Pelo visto ele sabia muito bem quem você era.

— Depois de escutar por alguns minutos, não tive a menor dúvida. Deduzi também que ele e Rem eram indivíduos importantes

*image
not
available*

— O chefe tem uma mensagem para a senhora. Pode vir atender?

— Espere aqui — diz ela para Cradle antes de sair com o soldado para o térreo, onde um oficial baixo de bigode a espera.

— Seu marido ligou — diz ele. — Falou que você precisa voltar para casa, que aconteceu uma invasão.

Eve o encara.

— Ele falou só isso? Está tudo bem com ele?

— Sinto muito, não sei informar. Peço desculpas.

Ela assente e pega o celular às pressas. A ligação cai direto na caixa postal de Niko, mas ele retorna logo em seguida.

— Estou em casa. A polícia está aqui.

— E o que foi que aconteceu?

— Tudo muito estranho. A sra. Khan, aqui da rua, viu uma mulher sair pela janela da frente da sala, aparentemente na maior cara de pau, sem nem tentar disfarçar o que estava fazendo, e chamou a polícia. Só fui saber quando uns policiais uniformizados foram me buscar na escola. Até onde eu sei, não sumiu nada, mas...

— Mas o quê?

— Volte logo para cá, tá bom?

— Imagino que a mulher tenha fugido.

— Fugiu.

— Alguma descrição?

— Jovem, magra...

Eve sabe. Ela simplesmente sabe. Em questão de minutos, está no carro descendo a A303, com Cradle no banco do carona. Ela não gosta da proximidade física, e do cheiro sutil, mas desagradável, da loção pós-barba dele, mas não quer de jeito nenhum que ele fique à espreita no banco traseiro.

*image
not
available*

— Você fica uma gracinha com o cabelo todo espalhado no travesseiro. Tão vulnerável. — Ela prende uma mecha solta de cabelo atrás da orelha de Eve. — Mas devia se cuidar mais. Parece até uma pessoa que eu conhecia. Os mesmos olhos bonitos, o mesmo sorriso triste.

— Como ela se chamava? Como *você* se chama?

— Ah, Eve. Eu tenho tantos nomes.

— Você sabe o meu nome, mas não vai me dizer o seu?

— Estragaria as coisas.

— Estragaria as coisas? Você invadiu a porra da minha casa hoje de manhã e agora está com medo de estragar as coisas?

— Eu queria deixar algo para você. Uma surpresa. — Ela balança a pulseira no braço. — Em troca disto. Mas agora, por mais que eu esteja amando nosso papo, preciso ir.

— E vai levar ele junto? — Eve faz um gesto com a cabeça na direção de Cradle, que está parado junto da moto, a uns vinte passos de distância.

— Tenho que levar. Mas a gente tem que repetir a dose, tenho muitas perguntas para fazer. E muita coisa para contar. Então, *à bientôt*, Eve. Até logo.

A moto dispara pelas estradas do interior, em meio às cores vívidas de árvores e arbustos em um dia de início de outono, e Cradle sente uma intensa leveza de espírito. Vieram socorrê-lo, como sempre prometeram que fariam caso ele fosse descoberto, e agora ele seria levado para algum lugar seguro. Algum lugar onde a autoridade dos Doze fosse absoluta. Ele nunca mais veria a família, mas às vezes é preciso fazer alguns sacrifícios. No caso de Penny, o sacrifício não é tão penoso. E as crianças, bom, ele proporcionou um início de vida